ANNO XV — *Lisboa, 15 de Agosto de 1913* — NUMERO 352

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE
Proprietario, director e editor
MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: As Collecções de Instrumentos Musicos — Notas vagas — Carta do Porto — Noticiario — Necrologia

As Collecções de Instrumentos Musicos

(Conclusão)

Em um folheto que ha pouco publicamos a proposito de uma embryonaria collecção official (1), se pode vêr que o governo portuguez perdeu a occasião *unica* de constituir entre nós um museu d'esse genero. Não sómente mandou vender a preço irrisorio os instrumentos mais ou menos valiosos que se encontraram nos ultimos conventos extinctos, mas negou todo o auxilio a quem os pretendia reunir em proveito do Estado e fez dispersar por fim os que se haviam colligido com infinito trabalho e sacrificio.

Se o governo portuguez tivesse querido patrocinar esse emprehendimento d'arte, só teria o dispendio, relativamente insignificante, da acquisição da collecção Keil para conseguir em pouco tempo um explendido nucleo instrumental que não faria má figura ao lado das instituições congeneres do estrangeiro. Não o quiz porém, esquecendo-se de que o paiz não é tão rico n'esta materia, que possa desprezar ou malbaratar os poucos valôres d'arte que, por mercê do acaso e não do proprio esforço, lhe é dado possuir.

Essa collecção Keil é afinal a unica que em Portugal se tem organisado com uma bem orientada persistencia, de modo a reunir um certo numero de especimens curiosos e raros. Sem querer comparal-a com as suas similares do estrangeiro, a serie de instrumentos musicos que o inspirado auctor da *D. Branca* e de outras obras primas da musica portugueza conseguiu adquirir nos ultimos annos da sua vida, é de tal modo interessante que merecia, de per si só, um estudo especial. Do seu mais recente catalogo impresso (1904, com dois supplementos), se deduz a existencia de 365 peças, d'entre as quaes saltam logo á vista do entendido o *barytono de cordas*, que para nós é a perola da collecção, o rarissimo *cravo de martellos*, a *virginal* de Hans Ruckers, a *viola da braccio*, de Nicolau Constantini, a *viola d'amôr* de Carcassi, a *viola de gamba* de Elster Joseph, o *baixo* de Barbieri, a *trombeta marina* com pinturas, o *alaúde*, as *theorbas*, os *clavicordios*, a *espineta* de Giannini, o *cravo* de Nicolaus de Quoco, os dois *orgãos portateis*, o *violino* de faiança de Cifika, a *museta* franceza, o *violoncello* de Grancino, o *bandolim* de João José, e muitos outros objectos que só se puderam conseguir apoz infinitas pesquizas e gasto consideravel de tempo e de dinheiro.

Entre as collecções de segunda cathegoria, convem mencionar a do distincto amadôr Antonio Lamas, que é constituida por umas 84 peças, não contando os acessorios e os instrumentos africanos, não mencionados no catalogo manuscripto que temos presente. Como peças mais interes-

(1) «O Museu Instrumental e as minhas relações com o Estado.»

santes, notam-se n'esse catalogo os *salterios*, um *cravo de pennas*, um *clavicordio*, os *cravos de martellos* de fabricação portugueza (Bostem), tres *violas de gamba*, um precioso *arco* para este ultimo instrumento, uma *viola d'amôr* de Maussiel, uma *pochette*, uma *flauta dôce* de marfim lavrado e as *cornetas de chaves*, principalmente uma por ter pertencido ao compositor e insigne concertista portuguez Santos Pinto.

Uma breve referencia, em guisa de conclusão, á pequena collecção do auctor não deve ser tida á conta de immodestia, pois tem unicamente em vista completar o trabalho sob o seu aspecto estatistico. D'ella destacaremos apenas as peças capitaes, que são uma *harpa* de Cousineau (sec. XVIII), duas *espinetas* italianas do sec. XVI, um *cravo* com duplo teclado, um *clavicordio*, um *cistro*, uma *vielle de cour* encastoada de pedras falsas, um *cornet à bouquin*, um *dobachi* em bronze e poucas mais que tenham realmente um accentuado valôr de collecção.

Se alguma dedução se pode tirar d'estas desataviadas linhas, é que a colleccionação de instrumentos e accessorios de musica não constitue precisamente uma *mania esporadica*, sem explicação nem precedentes. Em Portugal, paiz lastimavelmente atrazado em assumptos d'arte em geral, e nos musicaes em particular, ha ainda quem julgue assim. E' mister destruir essa lenda e convencermo-nos, todos, de que o instrumento musico, considerado como objecto de museu e como peça de estudo, tem tanto valôr esthetico e pedagogico como um quadro ou como uma esculptura. Em certos casos tem mesmo mais.

Se se conjugarem todas as boas vontades e todas as competencias no sentido de reunir o que ainda se encontra em Portugal, em materia de instrumentos e accessorios musicos, tanto antigos como modernos, é fóra de duvida que o nosso paiz pode ainda enriquecer-se com um novo museu e dos não menos interessantes.

Unamo-nos pois, todos os que comprehendemos o supremo alcance d'essa missão, no que ella tem de patriotico e de artistico, unamo-nos todos para salvar da indifferença do vulgo, da cobiça do estrangeiro e da inconsciencia dos governos, esses poucos valôres d'arte que ainda nos restam.

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI.

Cartas a uma senhora

187.ª

De Lisboa.

Começa o luar de agosto, e embora sobre a casaria parda da cidade elle não brilhe com o mesmo mysterioso encanto em que parece envolver as pradarias vastas, as campinas ondulantes, ou os lagos tranquillos, sempre de onde em onde algumas gotas se espalham na aridez das ruas, dando lhes momentaneamente tons opalinos de scenarios de sonho.

Depois aqui e ali uma saia passa, e a serpentina linha de belleza que o eterno feminismo logo descerra aos nossos olhos, em parte nos compensa da falta d'essa outra belleza majestosa e divina que vem da natureza vasta e do ceu sem fim, n'estas noites unicas de poesia e de enlevo.

E assim vamos passando as horas os que temos de arrastar os dias na labuta ingrata e ingloria das occupações citadinas.

Não é com certeza a melhor disposição de espirito para discorrer sobre assumptos ligeiros e lindos.

Quanto aos outros...

Como porém, a minha tão paciente e tão comprehensiva amiga em todas as disposições me atura, cá me tem hoje a desabafar contra parte do seu sexo que eu, pelo muito que o amo, mal posso comprehender desça aos extremos a que ás vezes desce.

Para só falar de nós, o que por aqui tem ido de intrigas, de miserias, de infamiasinhas mesmo, partidas algumas de minusculos seres inconscientes, partidas outras de almas confeitadas nas chamadas virtudes romanas, que quasi nunca foram nem são as tocantes virtudes christãs, — seria de pasmar horrorisado, se uma mais larga e mais clemente philosophia não nos immunisasse o cerebro contra a invasão d'essa onda negra de perversão e de maldade.

De resto, não falha o ditado: nada ha novo sob o sol. Providencialmente entre a minha papelada varia, deparam-se-me

estas pasagens que a seguir transcrevo, uma das quaes possue duplo valor por ser uma senhora quem fala.

Em 1816 Madame de Rémusat escrevia a uma amiga, que ceando com algumas senhoras jovens e agradaveis, de doce e attrahente physionomia, as ouvira estranhar as medidas de clemencia que se esperava houvesse por occasião do casamento do duque de Berry. Minutos depois, na excitação da conversa, chegaram a formular desejos de mais severidade, e mesmo de que se derramasse sangue.

E Madame de Rémusat exclama:

«Est ce donc là des femmes? A quel siècle sommes-nous? Et puis quelles vengeances ont-elles donc à exercer? Car il se trouve que précisément les personnes las plus acharnées dans cette soirée étaient des femmes qui ont traversé la Révolution en conservant 60.000 livres de rente et qu' ont vécu à l'abri de tout danger. Ma belle, tout celà fait horreur.»

Com tenuissimas variantes, eis o nosso caso e tambem como a illustre senhora, poderemos concluir — *tout celà fait horreur...*

Mas occorrerá a alguem objectar que isso era nos começos do seculo XIX, aliás o seculo das luzes; tenho porém, o seguinte bocadinho de oiro, que transcrevo do recente livro de Edouard Lockroy. Refere-se ao tempo da Communa, quer dizer. 1870, quasi nos fins do alludido e illuminado seculo.

E' em Versailles. Brisson assistia todos os dias: «à des spectacles atroces: les prisonniers malmenés et insultés, *les femmes du monde frappant ces malheureux avec le bout de leur ombrelle.*»

Veja a minha doce amiga como procediam algumas das illustres representantes do sexo que é a mais formosa metade do genero humano!

Felizmente que todas essas creaturas podendo parecer mulheres nem femeas são. Formam uma especie teratologica á parte.

Pelo menos para mim persistirei não as considerando como da mesma essencia a que pertencem exemplares de todas as classes e jerarchias que conheço e venero, senhoras na completa accepção do termo, ternas e santas mulheres emfim, amando, soffrendo, sentindo, mas incapazes d'esses accessos torvos de odio e de vingança, de perseguição e de ameaça.

Algumas d'essas pensam de um modo diametralmente opposto ao meu, outras considerar-me-hão perdido no ponto de vista espiritual e porventura incurso nas penas eternas? Pois nem assim, se arrogam o direito de invadir o foro intimo da minha consciencia e de, contorsionarias de uma nova maneira, procurarem extirpar de dentro d'ella aquillo que lá tem vida e acção.

Ah! Querida amiga, custa deveras, chegar a um periodo já alto da existencia e reconhecermos que na melhor das hypotheses sem duvida muito nos enganámos todos uns aos outros, e o que cada qual invariavelmente buscou sempre foi facetar o seu amigo, o seu parceiro, o seu visinho, ao molde que para si adoptou ou lhe impozeram, em vez de preferir e cultivar o franco e natural desenvolvimento da personalidade propria, do *eu* independente e autonomo, e de respeitar e desejar o mesmo no seu similhante.

O hespanhol diz *cada persona es un mondo;* o peor é quando as pessoas se chocam, que nunca se sabe aonde irão parar os mundos...

Tudo isto provém, em meu modesto mas despejado entender, de se ter feito do phenomeno religioso, disciplina que só deveria manter-se individualmente para as consciencias, laço coercivo para as collectividades, que só de moral precisam curar, e de haver depois aquelle phenomeno, por uma transposição fatal e irremediavel, influido em todas as restantes manifestações d'essas collectividades.

E' por isso que alguem já pôde escrever com verdade que no fundo todos os grandes movimentos humanos, são movimentos religiosos, dando, já se sabe á palavra religiosos uma significação mais lata e transcendente do que aquella que de ordinario lhe anda ligada.

N'este sentido assim podem com effeito definir se as questões que conseguem apaixonar e prender povos e individuos, pois só quando uma idéa se transformou em sentimento ao calor d'essa chamma que á fé desprende, quer dizer quando ella adquiriu a intensidade das verdades chamadas de religião, é que ella opera ou as grandes revoluções ou os tremendos cataclismos, a modificação, em suma, da structura social e mental de todo um agglomerado humano.

Ora em taes condições o que valem zumbidos de mosquitos, ferroadas de vespas ou inclusivè mordeduras de viboras?

E' acolhendo-nos á salutar lição que dos factos resalta, que poderemos supportar com certa bonhomia as lufadas agrestes de ventos inquinados de maleficos vapores que ainda de vez em quando maculam os ares de Portugal.

«Não nos banhamos duas vezes na mesma agua» e se conforme aliás já ficou recordado, nada é novo sob o sol, as combinações dos elementos é que variam, e applicando, julgo insubsistente tudo quanto se maquine para fazer retroceder a nação ao ponto em que a encontraram os pioneiros de 5 de outubro.

Isto por mais que senhoras enredem, inventem ou fervilhem.

Bem sei que ellas se fiam no proverbio *ce que femme veut Dieu le veut;* mas ou porque, como insinuaria um pseudo gracioso, *estamos separados*, ou porque, segundo o simples bom senso mostrará, chega a ser heresia immiscuir a Divindade n'estas *pequeñeces* terrenas que não chegam ás alturas, a verdade é que melhor andariam as que de boa fé namoram o passado em meditarem estas bellas e suggestivas linhas do grande espirito feminino de Ellen Key, que só por si e pela sua obra resgata bem uma larga porção dos erros, das necedades e até dos crimes que entes, só na fórma do mesmo sexo a que ella e a minha amiga pertencem, por infortunio proprio e alheio teem commettido e continuam commettendo.

Note como são bellas!

«Em nós os vivos de hoje, vivem todas as gerações passadas, como nós viveremos em todas as gerações futuras. Os mortos triumpham em nós, como nós triumpharemos nos seres que estão ainda por nascer. O passado e o futuro são os mestres cujas ordens executamos. E o movimento produzido na sua epoca pelo seu mais poderoso representante é apenas um bater d'azas no céu infinito. Mas innumeras e rapidas palpitações d'essas azas fazem avançar a humanidade na sua marcha para a frente e para o alto.

«Em nós e nas nossas obras tomaram fórma as aspirações das gerações passadas; as nossas tomá-la-hão nas gerações futuras e nas suas obras. Os que hoje vivemos e actuamos não somos mais do que sombras; mas encarnados em nossos filhos já nossos sonhos caminham pés nús, ao clarão da aurora.»

Aqui tinham ellas um modo de conciliar o seu culto pelo que foi com a sua acquiescencia pelo que é a sua confiança no que será; mas cristalisarem voltadas doentiamente para a escuridão é desconhecer as leis fundamentaes da evolução do espirito ou inverter-lhe a sua marcha ascensional.

Fica entendido que só me refiro ás bem intencionadas. Das outras julgo que não vale a pena a gente occupar-se. D'ellas é licito escrever o que a proposito do livro *Ménage et finances de Voltaire*, publicado por Nicolardot em 1854, escreveu o subtil e delicioso ironista Henry Roujon: «*tout y est de mauvaise foi même la vérité.*»

*

E embora tarde, não quero terminar esta carta sem depor sobre a campa não ha muito cerrada do Conde de Monsaraz uma profunda saudade que a perda d'esse querido amigo de velhos tempos eternamente deixou em meu coração.

Grande poeta d'um sentimento tão vivo, d'uma arte tão pura, d'uma verdade tão intensa, o auctor dos *Crespusculares*, da *Catharina de Athayde*, da *Musa Alemtejana* é dos que nunca mais esquecem. Dezenas das suas poesias serão ditas por labios femininos e masculinos emquanto a ductil e harmoniosa lingua em que elle as escreveu no mundo for falada.

Ao longo d'estas cartas mais d'uma vez evoquei o nobre perfil d'este gentilissimo espirito, tão lavado de odios, tão cheio de admirações, tão serviçal, tão acolhedor, tão tolerante.

Quem uma vez lhe apertava a mão passava a contar com um amigo, e póde applicar-se-lhe o que elle proprio escrevêu d'esse outro grande poeta que se chamou Cesario Verde:

Heroico e generoso coração;
Pendula d'ouro que em tão curta idade
Só marcava minutos de bondade
E horas de inspiração!

Não pude prestar-lhe a derradeira homenagem que lhe devia; fiquem ao menos estes descosidos mas sinceros periodos como um eternecido memento a quem deveras estimei em vida, e que caído agora para nunca mais se erguer, levou comsigo, na alma cheia de rythmos, gemmas de valor inestimavel e primores do mais rendilhado brilho.

Era um bom, soffreu; mas agora n'este seu ultimo e repousado somno, é possivel que a mesma cariciosa musa que lhe inspirou tantos versos que não morrem, alguma vêz vá consola-lo das dores que elle curtiu, e embala-lo suavemente com a mesma musica penetrante e vaga com que elle aqui nos embalou a nós.

Os que por cá nos demoramos ainda, nem o esquecemos nem o substituimos, e o seu espirito continuará, como em toda a sua obra, pairando no ar perfumado de Portugal, de Portugal que elle muito amou e que para honra propria eternamente o amará tambem.

AFFONSO VARGAS.

Carta do Porto

XI

Eu não posso dizer aos meus leitores, como em outros tempos: «o Porto está nas praias» porque faltaria á verdade.

As praias do norte, como a Foz, Mattosinhos, Villa do Conde Povoa, Granja e Espinho estão moribundas. A concorrencia de outros tempos, que trazia comsigo o ruido, a animação, a vida dos cafés, os bailes dos casinos, os sextetos á compita com os seus programmas variados das *matinées* e dos concertos nocturnos, tudo isso passou á historia. Só desolação e aborrecida tristeza nas caras dos raros passeiantes das frequentadas avenidas de outr'ora. O grande casino de Espinho nem sequer abriu as suas portas e, até agora, não consta que qualquer grupo de bons artistas tenha sido contractado para tão inhospitas paragens.

Mas então onde está o Porto? A isto responderei que, na sua quasi totalidade se conserva dentro da linha da circumvallação a olhar para isto tudo com o ar resignado de quem não está para massadas, emquanto uma pequena parte accorreu a atulhar os hoteis das estancias de aguas por imposição do seu estomago ou da sua figadeira. E como n'este paiz a difficuldade em *digerir* é cada vez maior, comprehende-se a necessidade da cura d'aguas de preferencia á immersão nas *ondas do mar salgado* como dizem os poetas. Parece que os banhos são contra indicados sem a equivalente commoção da rolêta, a avaliar pela deserção d'este anno ás nossas praias. O que é incontestavel, é que a falta de regulamentação do jogo as aniquilou, discutindo-se muito a fórma como na França, na Suissa, na Belgica, onde essa regulamentação se acaba de fazer em beneficio das suas estações de Spa e Ostende — e ainda n'outros paizes, se tem encarado esse importante assumpto para o desenvolvimento das localidades e progresso artistico.

A musica perdeu muito entre nós e os musicos, embora na sua maioria os que eram chamados para as nossas praias e aguas fossem estrangeiros, alguma coisa perderam tambem. E como actualmente não ha musica cá pelo norte, é evidente que o assumpto para estas cartas falta por completo. Em theatros temos apenas uma companhia infantil, representando o repertorio das operetas em moda, e francamente, embora haja quem muito a serio vá ouvir e criticar o trabalho dos meninos, eu sou de opinião que mais digno seria não os explorar, deixando-os corrêr, brincar e seguir os seus estudos tranquillamente, até á edade em que as suas intelligencias podessem abalançar-se a um trabalho consciente. Hão-de concordar que as seducções d'uma *Viuva Alegre* de 10 annos ou de uma *Geisha* de andar ao collo da ama, são coisas muitas interessantes para juntar ao prodigio d'aquelle menino hespanhol de tres annos de edade, que andava estremunhado a berrar que queria ir ao piano, porque sentia uma *composição* a saltar-lhe da cabeça, n'um ardor de inspiração capaz de lhe queimar os pequeninos miolos. E os papás em lugar de darem açoites para para o socegar, vieram communicar aos jornaes que tinha apparecido um Mozart muito mais pequenino que o outro e com muito maior genio. Os jornaes hespanhoes fallaram muito, descreveram o menino embrulhado n'um cobertor dominado pelo fogo da inspiração, a Havas deu telegrammas para todo o mundo. Eu li isso tudo, ha annos, e o menino desapareceu, talvez dominado pela febre do talento, ficando a nossa visinha Hespanha, que aliás possue magnificos musicos barbudos, sem aquella invejavel gloria.

Isto não quer dizer que a companhia infantil italiana que está no Porto, não seja excellente para quem gostar do genero... e de meninos prodigios.

Uma revista franceza traz-me a noticia inedita de que na Sociedade de Concertos Symphonicos, que está em formação, será concedida uma larga parte ás obras primas da musica franceza, e que nos primeiros programmas, que lá conhecem antes de nós, estão inscriptas as *Scènes pittoresques* de Massenet, as *Impressions d'Italie* de Charpentier e a *Ouverture de Broceliande* de Lucien Lambert, além de outras que não cita. Recordo-me com saudade da maneira como o velho Colonne dirigia a sua orchestra e executava aquellas duas primeiras interessantes obras, cheias de colorido e de detalhes que tão bem se adaptam á inegualavel perfeição de *nuance* das orchestras francezas. Nada sei por emquanto, e ainda não é tarde, do que se projecta sobre a futura epoca de concertos na nova sociedade e no Orpheon Portuense,

mas não deixarei de informar os leitores da «Arte Musical» do que fôr digno de nota.

O illustre pianista Rey Colaço e suas intelligentes filhas vão começar uma *tournée* de concertos pelas estancias de aguas do Norte. E' deveras louvavel a ideia de levar um bocado de arte, feita com talento e convicção de verdadeiros artistas, a regiões onde impera nos desafinados e arrasados pianos dos hoteis o *Vira*, e *Alma de Diós* e os fados das revistas, intervalados n'um redopiar de valsas que vae desde o almoço ao apagar da illuminação.

Foi este brilhante repertorio que um amigo meu, que foi tratar do seu figado, teve de supportar durante 15 ou 20 dias n'um hotel de aguas que não cito, por um grupo de meninas provincianas que monopolisaram o piano para seu uso exclusivo.

E o que é certo é que aquelle meu amigo não morreu. Sempre é d'uma resistencia!

AFFONSO VARGAS.

PORTUGAL

Para França, Belgica e Allemanha partiu ha pouco o nosso presado amigo e illustre professor portuense, sr. Raymundo de Macedo.

***

O violinista Nicolino Milano fez a sua festa no theatro Olympia, do Porto, executando n'essa occasião duas obras de Sarasate, a *Legenda* de Wieniawski e o *Moto perpetuo* de Paganini.

Foi muito festejado.

***

O sarau com que a *Academia de Amadores* fechou os seus trabalhos d'esta epoca effectuou se em 28 do mez passado.

Teve logar na sua nova séde da rua Antonio Maria Cardoso, sendo especialmente consagrado á apresentação de alguns alumnos dos mais distinctos das aulas de violino, violoncello, piano e canto.

O rev. Thomaz Borba, que é, como se sabe, um dos mais prestimosos e diligentes professores da *Academia*, fez, antes do concerto, varias considerações sobre os progressos d'esta instituição, creação de novos cursos, etc., sendo longamente applaudido.

***

Entre os artistas que por esta epoca saem para as provincias, contam-se a notavel pianista, D. Adelina Rosenstock, que vae dar alguns concertos em varias cidades do paiz, e o professor Theophilo Saguer que vae fixar-se provisoriamente nas Caldas da Rainha.

***

Para substituir na direcção dos concertos symphonicos de Marselha o nosso compatriota Francisco de Lacerda, cuja saude melindrosa exige algum repouso, foi nomeado o maestro francez Luiz Hasselmans.

Francisco de Lacerda conserva-se ainda algum tempo nos Açores.

***

Encontra-se de passagem em Lisboa o barytono portuguez Antonio Nobre, tendo annunciado para ámanha, 16, um serão musical offerecido á imprensa.

***

Tendo-se concluido os exames no Conservatorio, damos a nota dos ultimos exames (conclusão de cursos):

Piano

(5.º ANNO DO CURSO GERAL)

	Valores
Anna Rita Gomes	10
Clotilde de S. Gonçalves	11
Emma A. da S. Figueiredo	14
Felismina O. Machado	15
Gertrudes A. I. de Carvalho	14
Laura Mangerico Lima	14
Maria Castello Seromenho	11
Maria T. P. de Freitas	12
Neomira Emilia Correia	13
Perpetua Pereira dos Santos	10
Pradelina da Conceição Namorado	14

***

Temos em carteira um estudo inedito do professor J. Eduardo da Matta Junior, que n'elle trata, com incontroversa auctoridade, do espirito a que deve obedecer a futura reforma do Conservatorio, do partido que ha a tirar das nossas canções populares, e de outros assumptos de palpitante interesse para a nossa arte.

Será inserto, logo que se concluir a pu-

blicação de um artigo biographico e critico sobre Anton Bruckner, que nos foi tambem gentilmente enviado pelo sr. Luiz de Freitas Branco, actualmente no Funchal.

A ambos estes artistas, agradecemos a preciosa collaboração com que nos distinguiram.

ESTRANGEIRO

Para as festas verdianas em Italia, foi editado um sello especial com a efigie do mestre. Ha cinco variedades de côres, correspondendo a varios preços desde 5 centimos até 5 liras.

***

Entre as mais recentes composições do padre Perosi contam-se uma pastoral, *Dormi, non piangere*, e uma *suite* para pequena orchestra, *La festa del villagio*.

***

No festival mozartiano ultimamente realisado em Salzburgo executou-se o famoso *Requiem*, adaptando-se, como curiosa innovação, uma cortina para occultar aos ouvintes a orchestra, os coros e os solistas.

Parece que, com tal innovação, augmentou consideravelmente o effeito da celebre partitura.

***

Em Paris, o *Parsifal* será posto em scena (Grande Opera) nos principios do proximo anno.

***

Madame Putiphar é o nome de um bailado de grande espectaculo, que está escrevendo o notavel compositor Ricardo Strauss, com destino á *troupe* russa dirigida por Nijinski.

Deve ser executado na proxima epoca em Londres.

***

A *suite* para alaúde de João Sebastião Bach, a que se fez referencia na monographia aqui publicada (n.º 350), foi agora impressa em Bruxellas.

O manuscripto havia sido adquirido por Fétis, provavelmente em um leilão que a casa Breitkopf fez em 1836 de muitos papeis e edições antigas, entre os quaes se contavam manuscriptos preciosos dos seculos XVII e XVIII.

***

Para as representações do *Parsifal*, que terão logar em Leipzig no principio do anno proximo, instituiu o conselho municipal d'essa cidade uma subvenção de 30 contos réis.

A parte decorativa da obra será confiada ao conhecido pintor allemão Max Klinger.

***

No amphitheatro romano de Verona vae cantar-se a *Aida* por occasião da commemoração do centenario de Verdi.

***

Em 6 do proximo setembro deve abrir-se em Londres uma exposição musical britannica, que assentou arraiaes no theatro Olympia.

O notavel maestro inglez John Wood dirigirá por essa occasião varios concertos de canto e de musica instrumental.

***

No Colyseu de Buenos Ayres, o *clou* da epoca lyrica foi o *Parsifal*, sendo excellente a impressão causada pela obra prima wagneriana.

***

A mesma opera vae ter 6 representações seguidas no theatro municipal de Zurich, cuja epoca começa em 31 d'este mez.

***

Mais um livro sobre Chopin e, segundo parece, o mais completo que até hoje se tem escripto sobre o pianista-poeta. Intitula-se *Frédéric Chopin, sa vie et ses œuvres, 1810-1849*, e é escripto por Edouard Ganche.

***

A primeira representação alleman do *Julien* de Gustavo Charpentier deve ter logar em Leipzig.

***

A critica dinamarqueza é extremamente elogiosa para a *Symphonie Française* de Théodore Dubois, que teve a sua primeira audição em Copenhague.

***

Em Parma prepara-se diligentemente a Exposição historica de arte theatral, organisada para abrilhantar as festas do centenario de Verdi. Entre as varias secções d'esta exposição, haverá uma de especial interesse e novidade — a dos Instrumentos Musicos — na qual se verá a reproducção tão fiel quanto possivel dos instrumentos que compunham a orchestra de Monteverde.

Haverá além d'isso 27 reducções de theatros diversos, reproduzindo as scenas ca-

pitaes de varias operas italianas que se cantaram nos ultimos quatro seculos. Permittirão estas reproducções minusculas fazer reviver a figura dos antigos cantores, as suas poses caracteristicas, o seu vestuario, etc.

***

No *Musical Times* de 1 d'este mez pode ver-se a reproducção de um retrato pouco conhecido de Haendel, cujo original está em poder do conde de Malmesbury.

Está datado de 1748 e representa o mestre na attitude de compôr e tendo ao seu lado um dos *harpsichords* da fabricação ingleza, que lhe pertenceram, e dos quaes se encontra um no *South Kensington*.

***

Consta que na proxima primavera será contractada para a Opera de Paris a companhia da Opera Imperial de S. Petersburgo, para dar espectaculos intercalados com os da companhia franceza.

***

Em Hellerau, sede do Instituto de Gymnastica Rythmica, teve um grande exito a adaptação do methodo dalcroziano á representação do *Orpheu*, que ali foi dada ultimamente para solemnisar a data da fundação do mesmo Instituto.

Joaquim Antonio Martins

Depois d'uma prolongada doença faleceu domingo 3 do corrente na casa da sua residencia rua das Salgadeiras, 48, 2.º, o distincto e apreciado professor de musica Joaquim Antonio Martins, um dos nossos primeiros concertistas de cornetim, realisando-se o funeral na segunda feira, 4, para o que, por expressa determinação do finado, não se fizeram convites.

O extincto, que era filho do falecido professor de musica Joaquim Antonio Martins, abraçou a mesma carreira de seu pae, applicando-se ao cornetim sob a direcção dos notaveis tocadores Frederico Jayme de Carvalho e Mello e João dos Santos Fernandes, tornando-se em pouco tempo excellente artista.

Como musico militar pertenceu ás bandas de infanteria 5, caçadores 5 e Guarda Municipal de Lisboa.

Fez parte de diversas orchestras de concerto e theatros da capital e pertencia á orchestra da Sé Patriarchal, logar que obteve por concurso.

A sua collaboração nos trabalhos na Sociedade de Musica de Camara, tocando admiravelmente a parte de clarim do Septuor op. 75 à la Trompette, de Saint-Saëns, pol-o em brilhante evidencia.

Foi egualmente notavel a execução da parte de clarim da aria para contralto *Du sollsts Gott, deinen Herrn liebe*, do compositor J. S. Bach, apresentada no concerto historico promovido pela sr.ª D. Sarah Motta Vieira Marques.

Como compositor escreveu varios trechos para cornetim, figurando entre elles as polkas *Estrella Polar* e *Betine*, que mereceram geraes applausos.

Deixa viuva a sr.ª D. Januaria Maria da Silva Martins e tres filhos menores srs. Abilio da Silva Martins e Alberto da Silva Martins, o primeiro distincto violinista e o segundo violoncelista de grande valor e Regino da Silva Martins, estudante do Instituto Pratico do Commercio.

Sobre o feretro foram depostos ramos de flores da viuva e filhos e uma artistica coroa offerecida pela ex.ma sr.ª D. Clementina Relvas. Fizeram se representar a Associação dos Professores de Musica e o Monte Pio Filarmonico.

No prestito incorporaram-se grande numero de pessoas, que no cemiterio organisaram turnos.

A. B. S.

***

Victimado pela tuberculose, falleceu tambem o joven violinista Mario Teixeira, irmão de outro rapaz de talento, que a mesma terrivel doença não quiz poupar, o pianista Agostinho Teixeira, cuja morte aqui noticiámos ha dois annos.

Mario Teixeira contava apenas 18 annos de idade.